

O Jesus de Nietzsche e o príncipe Míchkin de Dostoiévski

Allan Davy Santos Sena*

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo discutir qual o possível lugar que as obras de Dostoiévski, mormente o romance *O idiota*, ocupam no diagnóstico dado por Nietzsche para o tipo psicológico do Redentor. Sustentamos que, a despeito das discussões sobre se Nietzsche teve contato direto ou apenas indireto com o romance, é possível estabelecer uma análise do príncipe Míchkin como um modelo clínico de extrema importância, muito mais do que qualquer outro personagem de Dostoiévski, para se avaliar de forma mais completa o diagnóstico de Jesus dado por Nietzsche.

Palavras-chave: Tipos psicológicos; fisiologia; idiota; Jesus.

Nietzsche's Jesus and Dostoiévski's prince Míchkin

Abstract:

The present paper has as purpose to discuss what is the possible place that the works of Dostoevsky, mainly the novel *The idiot*, occupies in the diagnostic gave by Nietzsche to the psychological type of the Redeemer. We sustain that in spite of the discussion about if Nietzsche had direct or indirect contact with the novel, it's possible to establish an analysis of prince Myshkin as a clinical model of extremely importance, rather than any other of Dostoevsky's character, to throughout evaluate the diagnostic of Jesus gave by Nietzsche.

Key-Words: Psychological types; physiology; idiot; Jesus.

São fortes os indícios que garantem que os romances de Dostoiévski foram, juntamente com o ensaio *Ma religion [Minha religião]* de Tolstói, imprescindíveis para o diagnóstico do tipo psicológico do Redentor feito por Nietzsche em *O Anticristo*. Se Tolstói, com o seu cristianismo anárquico de não-resistência, forneceu um importante ponto de ancoragem para que Nietzsche intuísse a segunda *realidade fisiológica* do tipo *idiota*¹, tal como descrito no § 30 de *O Anticristo*, Dostoiévski lhe garantiu a precisão

* Mestrando em Filosofia pela UNICAMP/Bolsista PIBIC/CNPq.

¹ O termo “idiota”, utilizado por Nietzsche no § 29 de *O Anticristo* para classificar o tipo psicológico do Redentor, foi mutilado nas primeiras edições de *O Anticristo* sob a égide da irmã do filósofo, e parece ainda não ter sido totalmente restituído à obra, a despeito dos trabalhos de Karl Schlechta, Erich Podach, Giorgio Colli e Mazzino Montinari. Afinal, como é o caso de várias traduções de *O Anticristo*, a de Paulo César de Souza coloca inadvertidamente entre aspas o termo “idiota” no § 29, sendo que as mesmas encontram-se ausentes na *Studienausgabe* KSA. Acreditamos que esse seja um grave equívoco e que só tende a perpetuar a incompreensão do significado específico que o termo “idiota” assume em *O Anticristo* quando usado para denominar o tipo de Jesus, ou seja, seu sentido psico-fisiológico. Seguimos aqui o

“clínica” para a compleição fisiológica e para a sintomatologia de semelhante tipo, e é provável que não apenas para o “caso” de Jesus², mas também para o de outras figuras que interagem no Novo Testamento, como indica o seguinte fragmento póstumo:

não se compreende nada da psicologia da cristandade [*Christlichkeit*], quando a entendemos como expressão de um novo ressurgimento de uma juventude popular e de um fortalecimento de raças. Mais que isso: é uma típica forma de *décadence*; de amolecimento moral e histerismo de uma população mesclada [*Mischmas-Bewölkerung*] doentia, que se tornou cansada e sem meta. Esta estranha sociedade, que aqui se encontra à volta deste mestre da sedução do povo, pertence, de fato, sem exceção, a um romance russo; todos os doentes dos nervos marcaram um encontro com ele... (NF/FP 11 [380] novembro de 1887 – março de 1888).

A referência a um “romance russo”, em que todos os doentes dos nervos decidem marcar uma reunião em torno de seu mestre, remete às descrições que Nietzsche costumava fazer dos cenários e episódios típicos dos romances de Dostoiévski. Como se pode ver, por exemplo, no fragmento intitulado “Minha teoria do tipo de Jesus” (quase imediatamente anterior ao acima mencionado), no qual Nietzsche expressa sua infelicidade por não haver um Dostoiévski na companhia dos sectários de Jesus, pois “de fato, o que melhor corresponde a toda essa história é um *romance russo*” (NF/FP 11 [378] novembro de 1887 – março de 1888).

Em outra passagem, Nietzsche deixa ainda mais claro qual foi o seu “laboratório” para interpretar as figuras do Novo Testamento ao se referir ao solo

mesmo posicionamento adotado por Yannick Souladié: “Para Nietzsche Jesus não é um ‘idiota’, mas um idiota, no estrito sentido fisiológico do termo. Jesus não é um corpo potente, mas um homem condenado fisiologicamente. Em *O Anticristo*, Nietzsche não cessa, com efeito, de apelar ao vocabulário médico lidando com patologias importantes para descrever Jesus” (SOULADIÉ, Y. *Antichristianisme et hérésie*, p. 100). Remontamos também ao estudo de Eric Blondel que nos alerta para a grande precaução que se deve ter com a utilização que Nietzsche faz ou não das aspas em seus escritos. De acordo com Blondel, em Nietzsche: “As aspas [...] instauram a diferença e a hierarquia de valores, homólogas à distinção forte-fraco. Porém – detalhe que se torna essencial na perspectiva de um estudo filológico da análise genealógica, Nietzsche, com uma constância inopinável, envolve sistematicamente com aspas os termos chaves do discurso moral” (BLONDEL, Eric. *Les guillemets de Nietzsche*, p. 163-164).

² É necessário salientar que o uso que fazemos aqui de uma linguagem fisiológica ou de termos médicos não é gratuito, mas remete a maneira como o próprio Nietzsche abordava essas questões. O estatuto que se deve conferir ao termo “fisiologia” e de seus congêneres na obra de Nietzsche está longe de ser um consenso entre seus comentadores. De maneira geral, pode-se colocar o problema da seguinte forma: há apenas um uso metafórico do termo “fisiologia” na obra de Nietzsche ou de fato esse termo possui um sentido que está mais próximo das ciências biológicas de seu tempo, dado todos os esforços investigativos do filósofo nessa área. Acreditamos que optar por uma ou outra posição não é o melhor caminho, já que ambas parecem não levar em conta as diferentes apropriações, na obra de Nietzsche, do termo “fisiologia”, além de ignorarem toda a crítica do filósofo à linguagem. Dessa forma, é preciso ter em mente que Nietzsche faz uso do termo “fisiologia” apoiado tanto na leitura das ciências biológicas, quanto também na da crítica literária, na “psicologia” francesa (Stendhal, Taine, Baudelaire, Bourget, Balzac, etc), mas, ao mesmo tempo, inaugurando um uso muito específico para esse termo no interior de suas investigações, haja vista sua crítica ao caráter necessariamente metafórico e instrumental da linguagem.

mórbido de onde brotou os conceitos de valor cristãos: “– os Evangelhos nos mostram exatamente os mesmos tipos fisiológicos descritos nos romances de Dostoiévski” (WA/CW, “Epílogo”). E, em outro fragmento, argumentando que é contrário à história natural que as naturezas bem constituídas pudessem se ocupar desse “anêmico santo de Nazaré”, faz uma breve classificação das *espécies* que podem ser catalogadas nos romances de Dostoiévski: “Uma outra espécie lhe pertence [ao anêmico santo de Nazaré]: aquelas que Dostoiévski conhece, – comovidos, arruinados e perturbados abortos, plenos de idiotia e entusiasmo, de amor...” (NF/FP 14 [90] primavera de 1888). Mas, sobre o caso específico de Jesus, pode-se verificar ainda com mais clareza a confiança que Nietzsche depositava nas análises psicológicas do romancista russo³ a respeito da constituição fisiológica e dos sintomas que *tipos* como o Galileu fatalmente apresentam. Como mostra o fragmento póstumo a seguir, intitulado, justamente, “Jesus: Dostoiévski”:

Conheço apenas um psicólogo que viveu no mundo em que o cristianismo [*Christenthum*] é possível, em que um Cristo pode surgir a qualquer momento. E este é Dostoiévski. Ele *adivinhou* Cristo: e instintivamente permaneceu protegido, sobretudo, de apresentar esse tipo com a vulgaridade de Renan... E em Paris se crê que Renan sofre de excesso de *finesses* [fineza]... Mas se pode errar de maneira mais lamentável, quando de Cristo, que era um idiota, se faz um gênio? Quando de Cristo, que representa o contrário de um sentimento heróico, inventa-se um herói? (NF/FP 15 [9] da primavera de 1888).

Ao ligar, em um mesmo texto, os nomes Dostoiévski e Cristo ao termo “idiota”, é-se levado inevitavelmente a pensar que Nietzsche está fazendo uma alusão direta à obra *O Idiota* do novelista russo, cujo personagem principal, o príncipe Míchkin, foi concebido pelo autor como um misto de Jesus e Don Quixote. Pacini, por exemplo, não hesita em tirar semelhante conclusão: “É claro que, escrevendo que Dostoiévski ‘adivinhou Cristo’, Nietzsche tem em mente o personagem do príncipe Míchkin de *O Idiota*” (PACINI, G. *Nietzsche lettore dei grandi russi*, p. 30). O grande problema que há em tal dedução é que, diferente de outras obras de Dostoiévski lidas por Nietzsche, bem como do ensaio *Ma religion* de Tolstói, não há qualquer comprovação, seja em póstumos ou em cartas, de que ele tenha realmente lido *O idiota*, questão levantada por

³ A respeito dessa confiança nas análises psicológicas de Dostoiévski, vale recordar a declaração de Nietzsche em *Crepúsculo dos ídolos*: “Para o problema que aqui se apresenta, o testemunho de Dostoiévski é imprescindível – Dostoiévski, o único psicólogo, por sinal, do qual eu tive alguma coisa a aprender” (GD/CI, “Incursões de um extemporâneo”, §45).

Campioni⁴ e Stellino. Como argumenta este último ao recordar a famosa carta de Nietzsche enviada a Franz Overbeck, em 23 de fevereiro de 1887,⁵ para se questionar se, no caso de Jesus, foi somente o “parentesco” que Nietzsche sentia ter com Dostoiévski que o levou a resultados tão próximos a que chegara o autor russo:

Muito mais problemática é a tentativa de estipular se a singular semelhança entre o idiota de Dostoiévski, o príncipe Míchkin, e a figura de Jesus, tal como ela é descrita no *O Anticristo*, é resultado desse referido parentesco entre ambos os autores ou se Nietzsche foi influenciado diretamente pelo romance *O Idiota* (STELLINO, P. “Jesus als ‚Idiot’”, p. 204).

Para Pacini, é “certo e comprovado” (PACINIO, G. Op. Cit., p. 17), que Nietzsche leu *O idiota*, dada a grande semelhança entre Míchkin e o Jesus de *O Anticristo*. Já Brito diz que “não se pode afirmar sem circunlóquios que Nietzsche emprega essa palavra [‘idiota’] no sentido do príncipe Míchkin de Dostoiévski⁶, mas isso é muito provável” (BRITO, E. “Les motifs de la critique nietzschéenne du christianisme”, p. 134). Miller se mantém ainda mais cauteloso, e declara que Nietzsche “talvez” (MILLER, C. A. “Nietzsche’s ‘discovery’ of Dostoevsky”, p. 203) tenha lido *O Idiota*.⁷ Miller também afirma que o príncipe Míchkin é um *tipo* recorrente em outras obras de Dostoiévski, localizado, por exemplo, nas personagens Aliocha, de *Humilhados e ofendidos*, e Stiepan Trofímovitch, de *Os Demônios*,⁸ o que dá margem a

⁴ Cf. CAMPIONI, G. *Sulla strada di Nietzsche*, p. 143, nota.

⁵ “De Dostoiévski não conhecia até uma semana atrás nem mesmo o nome – eu, homem inculto que nunca lê jornais! Uma apanhada aleatória numa livraria me trouxe aos olhos em tradução francesa a obra *L’Esprit souterrain* [*O espírito subterrâneo*, uma versão reduzida de *Memórias do subsolo* juntamente com o texto integral de *A senhoria*] (foi exatamente isso que me ocorreu aos 21 anos com Schopenhauer e aos 35 com Stendhal!). O instinto de parentesco (ou como deveria chamá-lo?) falou imediatamente, minha alegria foi extraordinária: tenho que remontar até a minha leitura do *Rouge et Noir* [*O vermelho e o negro*] de Stendhal para me lembrar de alegria semelhante”.

⁶ Justamente a conclusão de Janz: “Com essa palavra [‘idiota’] se faz perceptível a influência das leituras de Dostoiévski no pensamento e nas formulações de Nietzsche, no sentido, certamente, de um enfrentamento com a interpretação que Renan faz de Jesus como ‘herói’. Há que se ter presente tais relações e fontes se não se quer falsear o conteúdo significativo das passagens correspondentes” (JANZ, C. P. *Friedrich Nietzsche Biografia*, vol. III, p. 519); e Andler: “Ele [Nietzsche] representa Jesus como uma espécie de príncipe Míchkin oriental, melhor dotado, mas da mesma compleição que o doce epilético retratado no romance *O Idiota*” (ANDLER, C. *Nietzsche, sa vie et sa pensée*, vol. III, p. 352).

⁷ “Sua reação positiva para o que ele leu em *L’Esprit souterrain*, induziu-o, por sua vez, a continuar e ler, pelo menos: *Humilhados e ofendidos*, *Recordações da casa dos mortos*, *Os demônios*, provavelmente *Crime e Castigo* e talvez *O idiota*” (MILLER, C. A. *Ibidem*).

⁸ Cf. MILLER, C. A. “Nietzsche’s ‘discovery’ of Dostoevsky”, p. 217. Uhl também defende algo semelhante: “Cristo, este ‘grande simbolizador’ se afigura aos olhos de Nietzsche como um ‘idiota’, na significação mais profunda e original do termo, que é uma mistura de ‘sublime, doentio e infantil’. Esta qualificação é uma caracterização excelente da figura de Cristo representada por Mischkin, mas também por Sônia [de *Crime e Castigo*] e Alioscha. A esse tipo de homem dedica Dostoevski a estima mais profunda. Representa ele o homem verdadeiramente belo do paraíso perdido, cujo grande amor deve

que se pense que era a um ou mais desses tipos que Nietzsche estava se referindo ao afirmar que Dostoiévski “adivinhou Cristo”.⁹ Campioni, por outro lado, prefere apostar em uma fonte indireta: a obra de Eugène-Melchior de Vogüé, *Le roman russe* [*O romance russo*], publicada em 1886, que consiste numa coletânea de artigos já antes publicados na “Revue des Deux Mondes”, periódico francês bastante lido e apreciado por Nietzsche, que comentavam as implicações psicológicas das obras do romancista russo.¹⁰ De fato, na quarta seção do capítulo V de *Le roman russe*, intitulado “La religion de la souffrance” [A religião do sofrimento], de Vogüé faz uma análise do príncipe Míchkin que está bem próxima das considerações psicológicas que Nietzsche faz acerca do tipo idiota em *O Anticristo*.¹¹ Contudo, não se pode ir muito além da mera especulação, ainda que certamente muito válida, sobre se Nietzsche leu realmente esse artigo escrito por de Vogüé. Já Karl Jaspers é de opinião de que seja duvidoso que Nietzsche tenha lido *O Idiota*, visto que a primeira tradução alemã só foi publicada em 1889.¹² Não obstante, Stellino utiliza como fonte uma tradução francesa publicada em 1887,¹³ justamente o ano em que o filósofo entrou em contato com a obra do romancista, justificando que seria provavelmente esta edição que Nietzsche utilizaria caso houvesse lido o romance, dado a preferência do autor pelas traduções francesas.¹⁴

tornar-se neste mundo sua loucura e crucificação, porque ele não julga e não resiste ao maligno” (UHL, A. “Dor por Deus e dor pelo homem: Nietzsche e Dostoiévski”, p. 53 [677]).

⁹ É interessante notar que um dos “tipos” de Dostoiévski, no caso, o *ressentido*, cujo grande exemplo é o narrador de *Memórias do subsolo*, está presente no romance *O idiota*, na personagem de Hippolite. Chama atenção o fato de que Hippolite, que teve uma vida transtornada por uma saúde precária, assim como Míchkin, não consegue gostar do príncipe, não consegue entendê-lo, apesar de respeitá-lo e de ser fascinado por sua figura. Hippolite se mostra incomodado justamente com a falta de resistência do príncipe, com a resignação total deste para com os males que o afligem. O que indica como a decadência se manifesta de diversos modos, e como um tipo ressentido (apóstolos) não consegue entender um tipo idiota (Jesus).

¹⁰ Cf. Cf. CAMPIONI, G. *Sulla strada di Nietzsche*, p. 144, nota.

¹¹ “O temperamento mais trabalhado pelo escritor, seu filho predileto, tendo preenchido um grosso volume só com ele, é o *Idiota* [...] Primeiramente, ‘o idiota’ é epilético: suas crises fornecem um desenlace imprevisto a todas as cenas de emoção. O romancista se enche de alegria em descrevê-los; ele nos assegura que um êxtase infinito inunda todo o ser durante os poucos segundos que precedem o ataque [...] Dostoiévski se propôs, desde o início, em transportar para a vida contemporânea o tipo de um Don Quixote [...] porém, mais ainda, arrastado por sua criação, ele visa algo mais elevado, retirando da alma, para seu próprio espanto, os traços mais sublimes do Evangelho, ele tenta, num esforço desesperado, ampliar a figura segundo as proporções morais de um santo [...] Imagine um ser de exceção que seria homem pela maturidade de espírito, pela mais elevada razão, permanecendo, apesar disso, criança pela simplicidade do coração; que realizaria, em uma palavra, o preceito evangélico: ‘Sejais como as criancinhas’. Esse é o príncipe Míchkin, ‘o idiota’” (VOGÜE, E.-M. de, *Le roman russe*, pp. 257-258).

¹² “É duvidoso que Nietzsche tenha lido *O Idiota*. A primeira tradução alemã só apareceu em 1889, de modo que não pôde conhecê-la. Não sei se já existia uma tradução francesa e se chegou em suas mãos, ou se só chegou aos seus ouvidos o título *O Idiota*, ou se se trata, sem que o houvesse sabido, de uma estranha coincidência” (JASPERS, K. *Nietzsche und das Christentum*, p. 20, nota).

¹³ Dostoiévsky, M. *L’idiot*. Traduit par Victor Derély. Paris: Plon-Nourrit et Cle: 1887.

¹⁴ Cf. STELLINO, P. Op. Cit., p. 206. Sobre a preferência de Nietzsche pelas traduções francesas Cf. o cartão postal de 27 de março de 1887, a Peter Gast.

Kaufmann, por sua vez, prefere acreditar que Nietzsche “pode até não ter lido todo o romance *O Idiota*, mas parecia estar familiarizado com sua concepção central” (KAUFMMAN, W. *Nietzsche, philosopher, psychologist, antichrist*, p. 340, nota 2). E quem sabe essa familiaridade não seja resultado justamente da leitura do artigo escrito por de Vögue tal como suspeita Campioni. Kühneweg se mostra inclinado a aceitar essa hipótese de Kaufmann.¹⁵ Dibelius, porém, acha que seria muito difícil, caso Nietzsche estivesse se referindo ao príncipe, que ele não houvesse declarado isso explicitamente em cartas, póstumos ou mesmo em *O Anticristo*,¹⁶ tal como ele de fato o fez, no calor do entusiasmo, durante a leitura de outras obras de Dostoiévski. Mas Kaufmann também chama atenção para o fato de que, a despeito de não haver menção do romance *O Idiota* em póstumos ou em cartas, Nietzsche, um ano após declarar estar impressionado com as obras de Dostoiévski, inseriu em passagens anteriormente publicadas, que estavam sendo editadas para inclusão no opúsculo *Nietzsche contra Wagner*, a palavra “idiota” (NW/NW, §2 e §3).¹⁷ Já para Sommer, a simples existência do fragmento póstumo intitulado “Jesus: Dostoiévski” torna por si só toda a especulação de se Nietzsche teria ou não ouvido falar do romance *O idiota* “nula” (SOMMER, A. U. *Friedrich Nietzsches “Der Antichrist”*, p. 317).

A hipótese advinda da tese de Miller de que o tipo idiota está presente em outros romances de Dostoiévski além de *O Idiota*, ou seja, a suposição de que Nietzsche poderia ter “coletado” exemplos para o tipo de Jesus em outros personagens que não o príncipe Míchkin, não é uma solução plenamente satisfatória. Afinal, apesar de ser possível identificar algumas semelhanças entre esses personagens (e aqui, incluímos de nossa parte, Catarina Fedorovna de *Humilhados e Ofendidos*) e o Jesus de Nietzsche, nenhum parece assumir a correspondência quase explícita que há entre esse último e o príncipe Míchkin de *O Idiota*, nenhum parece manifestar a totalidade dos traços de que nos fala Nietzsche no §31 de *O Anticristo*, “desse mundo peculiar e doente que os Evangelhos nos introduzem – como o de um romance russo”, nenhuma parece exercer o encanto arrebatador que uma mistura de “sublime, enfermo e infantil” (Ibidem) consegue provocar, como no caso do Jesus de Nietzsche e do príncipe Míchkin de Dostoiévski.

¹⁵ Cf. KÜHNEWEG, U. “Nietzsche und Jesus – Jesus bei Nietzsche”, p. 385, nota 22.

¹⁶ Cf. DIBELIUS, M. “Der psychologische Typus des Erlösers bei F. Nietzsche”, pp. 72-73.

¹⁷ KAUFMMAN, W. Loc. Cit., p. 345.

Aliocha e Kátia (Catarina) são usualmente retratados como crianças¹⁸, o que certamente permite uma comparação com o Jesus de Nietzsche, mas nada que se assemelhe ao parentesco deste com o príncipe Míchkin, sobretudo no aspecto “sublime”, na vivência do “reino de Deus” como um estado do coração, na vida dedicada ao amor incondicional. Stiepan, de *Os demônios* é descrito mais como uma “mulherzinha mexeriqueira”, um senhor histérico e mimado. Se não resiste a tirania de Varvara Pietrovna, é muito mais por pura pusilanimidade e comodismo do que por uma incapacidade de resistir, como é o caso de Míchkin e do Jesus de Nietzsche. Além do mais, ele se mostra plenamente capaz de nutrir ressentimento, algo impossível para um tipo idiota.

Em outro trabalho, Miller defende que os traços do mundo doente para o qual os Evangelhos nos transportam e os do tipo psicológico do Redentor, foram encontrados por Nietzsche no personagem Kirílov, de *Os Demônios*, e em sua descrição da experiência de “harmonia eterna” vivenciada por ele, fruto, em grande parte, da possível constituição epiléptica¹⁹ do personagem, algo bastante próximo das sensações que o príncipe Míchkin experimenta. Tal tese é sustentada pelo fragmento póstumo 11 [337] de novembro de 1887 – março de 1888, em que Nietzsche faz uma tradução, entre diversas outras, de uma passagem lida por ele da edição francesa de *Os Demônios*,²⁰ em que Kirílov descreve a Chátov sua experiência de “harmonia eterna”.²¹ Pode-se ressaltar igualmente a pequena distância que há entre os póstumos que são frutos de anotações

¹⁸ “Estou persuadido de que, quando conversavam a sós [Aliocha e Kátia] [...] deviam falar também de brinquedos” (DOSTOIÉVSKI, F. *Humilhados e ofendidos*. p. 199).

¹⁹ “A associação específica que Dostoiévski faz entre a sensação de ‘harmonia eterna’ de Kirílov com uma epilepsia latente, demonstra seu entendimento do problema fisio-psicológico que Cristo e os primeiros prosélitos possuíam [...] Esse entendimento do ‘ideal evangélico’ segundo um estudo ‘fisio-psicológico’, a representação que Dostoiévski faz de Kirílov como mistagogo da ‘harmonia eterna’, confirma a noção de Nietzsche [...] de que ele [Dostoiévski] havia ‘adivinhado’ Cristo em termos do ambiente decadente que gerou e sustentou o tipo” (MILLER, C. A. “The Nihilist as Tempter-Redeemer”, p. 180).

²⁰ DOSTOIÉVSKI, F. *Les Possédés*. Traduit par Victor Derély. Paris: Bési, 1886.

²¹ “Existem segundos – apenas uns cinco ou seis simultâneos – em que você sente de chofre a presença de uma harmonia eterna plenamente atingida. Isso não é da terra; não estou dizendo que seja do céu, mas que o homem não consegue suportá-lo em sua forma terrestre. Precisa mudar fisicamente ou morrer. É um sentimento claro e indiscutível. É como se de súbito você sentisse toda natureza e dissesse: sim isso é verdade! Deus, quando estava criando o mundo, no fim de cada dia da criação dizia: ‘É, isso é verdade, isso é bom’. Isso... isso não é enternecimento, mas algo assim... uma alegria. Você não perdoa nada porque já não há o que perdoar. Não é que você ame – oh, a coisa está acima do amor! O mais terrível é que é extraordinariamente claro e há essa alegria. Se passar de cinco segundos a alma não suportará e deverá desaparecer. Nesses cinco segundos eu vivo uma existência e por eles dou toda a minha vida porque vale à pena. Para suportar dez segundos é preciso mudar fisicamente. Acho que o homem deve deixar de procriar. Para que filhos, para que desenvolvimento se o objetivo foi alcançado? No Evangelho está escrito que na ressurreição não haverá partos, serão como anjos de Deus. Uma alusão” (DOSTOIÉVSKI, F. *Os Demônios*, pp. 571-572).

provindas da leitura de *Os Demônios*²² e aqueles em que a investigação do *tipo* de Jesus²³ se torna uma preocupação explícita ainda que já iniciada de certa maneira pelas notas provindas da leitura de *Ma religion* de Tolstói,²⁴ por mais que, nesse último caso, a investigação se volte mais para a psicologia do cristianismo primitivo de maneira geral. No entanto, Kirílov não apresenta aquele caráter de não-resistência, próprio do tipo idiota, assim como se mostra facilmente irritadiço e revoltado com o estado de coisas no mundo.²⁵

Ademais, malgrado todos esses indícios de que o tipo idiota possa ter sido recolhido por Nietzsche a partir de outras obras de Dostoiévski que não *O Idiota*, uma questão ainda se mostra sem resposta: por que Nietzsche lançou mão especificamente do termo “idiota” para diagnosticar o tipo de Jesus? Nenhum outro personagem é tão clara e constantemente denominado, seja pelo narrador seja pelos outros personagens, de “idiota”, como no caso do príncipe Míchkin.²⁶ Dever-se-ia atribuir a escolha do termo por parte de Nietzsche a uma simples e impressionante coincidência? Talvez ocasionada pelas pesquisas de Nietzsche no campo psiquiátrico? Será que o próprio Nietzsche é responsável pela “mistura” no tipo de Jesus dos aspectos “sublime”, “enfermo”, e “infantil” esparsamente presentes em diferentes personagens de Dostoiévski, tendo chegado, sem o saber, ao mesmo resultado que chegara o romancista russo na feitura de seu príncipe Míchkin, isto é, à conclusão de que semelhante compleição permitiria a nomenclatura “idiota”? Ora, não há dúvidas de que a leitura de *Humilhados e ofendidos* explica de uma maneira formidável o aspecto “infantil” da compleição de um tipo idiota, bem como sua estranheza frente ao mundo em sua efetividade e sua incapacidade em se envolver com os negócios do Estado pelas figuras de Aliocha e Kátia.²⁷ Outrossim, a descrição de Kirílov sobre a sensação de “harmonia

²² NF/FP 11 [331-352] novembro de 1887 – março de 1888.

²³ NF/FP 11 [368-369] e [378] novembro de 1887 – março de 1888, intitulados respectivamente de “O tipo de Jesus”, “Para o tipo de Jesus” e “Minha teoria do tipo de Jesus”.

²⁴ NF/FP 11[236-282] novembro de 1887 – março de 1888.

²⁵ Cf., por exemplo, DOSTOIÉVSKI, F. *Os Demônios*, p. 98-99.

²⁶ De Aliocha e Kátia é dito por exemplo pelo príncipe Volkovski, pai do rapaz: “Aliocha e Kátia estão talhados um para o outro: ambos estúpidos quanto é possível ser” (DOSTOIÉVSKI, F. *Humilhados e ofendidos*, p. 218). Em outras passagens, Aliocha é denominado de “pateta” (Idem, p. 60), de “estouvado”, “pouco razoável” (Id. p. 91), e de “simplório” (Id. p. 154). E, em apenas um único momento, o jovem faz uso do termo “idiota” para falar de si mesmo: “Porque me olhas assim, pai? Dir-se-ia que tens à tua frente um truão, um idiota!” (Id. p. 157). Kirílov, no entanto (a maior influência de Nietzsche no diagnóstico do tipo de Jesus segundo Miller), não é denominado uma única vez sequer de “idiota”.

²⁷ “E talvez o senhor tenha razão...”, afirma Aliocha em certa passagem, “Nada sei da vida real. É também o que Natacha me diz, e toda a gente afinal” (DOSTOIÉVSKI, F. *Humilhados e ofendidos*, p. 46). E antes disso, o rapaz declara a respeito de sua promessa em casar-se com Natacha: “Deixarei de ser um garoto...

eterna” fornece um prelúdio inestimável para o entendimento da experiência de “síntese da vida” vivenciado por Míchkin, e lança luz sobre o que Nietzsche denomina o aspecto “sublime” do tipo idiota. Mas nenhum desses personagens representa melhor a “mistura” [*Mischung*] de que nos fala Nietzsche dos três aspectos, qual sejam, “sublime, enfermo e infantil”, presentes no tipo psicológico desse “interessantíssimo *décadent*” (AC/AC, §31) que foi Jesus, tal como é o caso do personagem principal do romance *O Idiota*, com o acréscimo do aspecto “enfermo”, o qual, a despeito de poder ser, de certa forma, atribuído a esses personagens de Dostoiévski acima mencionados (sobretudo no caso de Kírilov), não se mostra de maneira alguma tão grave quanto no caso de Míchkin.

Sendo assim, não obstante os problemas que envolvem a questão de Nietzsche ter ou não lido *O idiota*, mostra-se surpreendente o fato de que em *O Anticristo*, Nietzsche, lamentando o fato de que um Dostoiévski não tivesse analisado “o caso” de Jesus de perto,²⁸ resume a compleição fisiológica e o quadro sintomatológico do tipo idiota de forma a fazer um retrato incrivelmente nítido do personagem descrito no romance do escritor russo: “É de lamentar que um Dostoiévski não tenha vivido na proximidade desse interessantíssimo *décadent* – quero dizer, alguém que pudesse perceber o arrebatador encanto dessa mistura de sublime, enfermo e infantil” (Ibidem). Portanto, é possível estabelecer uma análise do príncipe Míchkin como um caso clínico de importantíssimo valor para o esclarecimento do diagnóstico do tipo psicológico do Redentor oferecido por Nietzsche, a partir justamente da identificação no personagem dos três aspectos do tipo idiota destacados por Nietzsche.

Stellino adota uma solução semelhante ao tentar mostrar até que ponto é possível afirmar que o significado do termo “idiota” em *O Anticristo*, é o mesmo presente no romance *O Idiota*.²⁹ Entretanto, seu trabalho não parte da tentativa direta de se identificar no personagem Míchkin os aspectos sublime, enfermo e infantil do tipo de Jesus destacados por Nietzsche logo após este se referir a Dostoiévski, mas sim de uma comparação mais geral entre essas duas figuras, detendo-se, sobretudo, no aspecto

isto é, hei de ser como os outros... como esses que constituem família” (Ibidem). Mas, para Natacha, isso é impossível: “É para isso que me convoca neste momento, para nos casarmos amanhã, às ocultas, no campo. Mas Aliocha nem sabe o que faz! Não faz idéia do que seja o casamento” (Idem, p. 42).

²⁸ E no fragmento intitulado “Minha teoria do tipo Jesus”, Nietzsche também afirma: “Que pena que não houvesse um Dostoiévski entre essa sociedade: de fato, o que melhor corresponde a toda essa história é um *romance russo* – seres enfermos, comoventes, traços isolados de sublime estranheza, em meio a coisas dissolutas e sucintamente plebéias... como Maria Madalena” (NF/FP 11 [378] novembro de 1887 – março de 1888).

²⁹ Cf. STELLINO, P. Loc. Cit., p. 206.

infantil e na constituição epiléptica que, segundo ele, encontra-se presente nas mesmas. Murphy acredita igualmente que uma comparação entre o príncipe Míchkin e o Jesus de Nietzsche revela correlações muito fortes, o que reforça, mas não chega a provar, a existência de uma apropriação direta ou mesmo de uma mera influência.³⁰ Todavia, assim como Stellino, Murphy não se preocupa em fazer uma análise de todos os três traços do tipo idiota para aproximar o príncipe Míchkin do Jesus de *O Anticristo*, concentrando-se na condição de epiléptico que ele afirma poder ser observada em ambos os casos.

Acreditamos que uma tentativa de verificar no personagem criado por Dostoiévski a presença dos três aspectos que caracterizam o idiota de acordo com Nietzsche, pode não só demonstrar ainda com mais intensidade a semelhança que há entre o significado do termo “idiota” em *O Anticristo* e no romance do escritor Russo, como nos garantir uma maior compreensão do uso que Nietzsche faz do termo em seus últimos escritos.

O príncipe Míchkin é descrito justamente como alguém que passou a maior parte da vida terrivelmente enfermo, alguém cuja puberdade parece ter sido como que atrofiada, sendo, por vezes, acometido por violentos ataques epilépticos, em que, poucos momentos antes, experimenta uma sublime sensação de paz na alma e candura de espírito. No romance, o príncipe Míchkin retorna para São Petersburgo, em um dos melhores estados de saúde que atingira até então, após vários anos em tratamento com um médico que o havia praticamente adotado na Suíça, a fim de entrar em contato com uma possível parenta sua, a generala Iepántchina. Ao estabelecer relação com a família desta, o príncipe se envolve em uma série de infortúnios por conta de seu caráter insólito de absoluta falta de resistência. A filha mais nova da generala, Aglaia, apaixona-se relutantemente pelo príncipe, mas este, devido a sua sensibilidade e compaixão profunda para com os que sofrem, se volta constantemente ao auxílio de Nastácia, uma moça que foi “adotada” por um aristocrata que agora tenta livrar-se dela “deixando-a livre” para que ela se case a fim de que ele mesmo possa, por sua vez, vir a casar de maneira honrosa. O príncipe enxerga Nastácia como uma criança que sofre de maneira lancinante no fundo de sua alma, apesar desta querer disfarçar isso, ao abandonar todo o requinte da vida aristocrática e se entregar à devassidão. O amor que dedica à Nastácia, que o príncipe descreve como a mais profunda compaixão por uma

³⁰ Cf. MURPHY, T. *Nietzsche, metaphor, religion*, p. 187, nota.

alma sofredora de criança, e que o leva a entrar em confronto com Rogójin, que a ama de maneira doentia, e com a família da generala, é o que o leva a encontrar fatalmente a sua *via-crúcis*.

A natureza “enferma” do príncipe é descrita por ele próprio já no início do romance quando ele se apresenta ao marido da generala: “As freqüentes crises de sua doença fizeram dele um idiota completo (foi ‘idiota’ mesmo que ele disse)” (DOSTOIÉVSKI, F. *O idiota*, p. 49). Ao ser deixado na presença da generala, no entanto, esta se surpreende com o seu modo polido e educado: “É muito bom que o senhor seja cortês, e estou observando que o senhor não tem nada desse... excêntrico como o apresentaram [...] Não é verdade que ele não tem nada desse... doente?” (*O Idiota*, p. 77). Apesar disso, o príncipe havia passado por uma infância de quase absoluta alienação, e é para esse estado que ele retorna ao final de sua desventura. Ademais, ao ser ameaçado com uma faca por Rogójin, com quem chegara a nutrir um certo sentimento de amizade, a despeito de manter com ele uma relação constantemente perturbada pela paixão de Rogójin por Nastácia, o príncipe sofre um terrível ataque epiléptico que quase lhe tira a vida.

Em algumas passagens, Nietzsche parece atribuir igualmente a Jesus uma constituição epiléptica. Uma forma de viver tal como a praticada por Jesus é fruto, segundo Nietzsche: “de uma *pobre* maneira de pensar... Signo de uma raça *exausta*... Que se entrega ao abuso (‘tornar-se como crianças’) – as naturezas *aparentadas*: Francisco de Assis (neurótico, epiléptico, visionário, como Jesus)” (NF/FP 11 [363] novembro de 1887 – março de 1888). Mas será que, para Nietzsche, a epilepsia de Jesus é do mesmo tipo que aquela que acometia o príncipe Míchkin em seus períodos de crise? Aquela epilepsia bem conhecida da psiquiatria? Algo que na sociedade palestina da época de Jesus seria facilmente identificado como possessão demoníaca? O mesmo tipo de epilepsia que Nietzsche atribuía a Paulo?³¹ Talvez, contudo, a epilepsia que Nietzsche confere a Jesus seja de um tipo menos perceptível do que aquela mais conhecida. O próprio Míchkin parece apresentar ao longo do romance dois tipos de “idiota”.³² Antes do início da história, ele era um “idiota completo”, isto é, a violência

³¹ Cf. NIETZSCHE, F. M/AA, §68. Mas Paulo estava longe de ser um *idiota*: “– Paulo não era de modo algum um idiota! – disso depende a história do cristianismo” (NF/FP 14 [38] primavera de 1888).

³² O termo “idiota” possui, na verdade, três acepções no romance *O idiota*: 1) a de “tolo”, “imbecil”, “simplório”, que corresponde ao uso mais comum e ordinário do termo, designando alguém que ignora as mais básicas convenções sociais; 2) a de “ingênuo” e “inocente”, que caracteriza a pureza e a simplicidade infantil do príncipe; 3) e a de “doente mental”, “alienado”, ligada diretamente à condição de epiléptico do personagem. Murphy (Op. Cit. p. 114-115) defende que é no terceiro sentido do termo que o

de seus ataques epiléticos tornara-no um completo alienado, totalmente apático e absorto em outro mundo, alguém incomunicável, ignorante de tudo que se passa ao seu redor. No entanto, no decorrer da história, ele é um “idiota ingênuo”, que não resiste, mas que percebe tudo com uma clareza e perspicácia extraordinária. Quando Gavrila Ardaliónovitch conduz o príncipe para a pensão de sua família, lançando-lhe vários improperios por conta da reação indignada de Aglaia à carta da qual ele incumbira o príncipe de lhe entregar, acaba denominando-o de “idiota” repetidas vezes. Mas, para o narrador:

foi precisamente essa fúria que o deixou cego; senão há muito tempo teria atentado para o fato de que esse ‘idiota’, que ele estava espezinhando tanto, às vezes era capaz de compreender tudo imediatamente e nas sutilezas e transmitir de maneira extremamente satisfatória (DOSTOIÉVSKI, F. *O Idiota*, p.114).

Portanto, apesar de, em um dado momento da narrativa, o príncipe ser assaltado por um violento ataque, antes de retornar para sua “idiotia completa” no final da história, é como se, em seus momentos de convalescença, ele manifestasse justamente aquele tipo de epilepsia que talvez Nietzsche conferisse a Jesus, uma epilepsia bem menos perceptível que a ordinária, um tipo de “epilepsia latente” tal como Miller nomeia o caso de Kírilov de *Os Demônios*,³³ sem a presença recorrente de ataques por exemplo. Como se pode perceber na declaração de Míchkin a Gavrila naquele mesmo percurso:

Eu devo observar ao senhor, Gavrila Ardaliónovitch – disse subitamente o príncipe –, que antes eu realmente era uma pessoa tão sem saúde que de fato era quase um idiota; mas hoje estou restabelecido há muito tempo e por isso acho um tanto desagradável quando me chamam de idiota na cara (DOSTOIÉVSKI, F. *O Idiota*, p. 114).

A natureza “infantil” do príncipe é atestada pelo diagnóstico que seu médico Schneider arrisca-se a lhe dar após o episódio vivido por Míchkin em que este, por amor (leia-se, compaixão) a uma jovem desonrada da vila em que residia na Suíça, é levado a entrar em um doloroso conflito com as crianças que sempre o admiraram, até que, por fim, acaba convencendo as mesmas a perdoarem a “falta” de Marie pouco antes desta morrer:

príncipe Míchkin mais se aproxima do Jesus de Nietzsche. Todavia, nossa posição é a de que essa correspondência se mostra mais acentuada no *segundo* significado do termo.

³³ Cf. MILLER, C. A. “The Nihilist as Tempter-Redeemer”, p. 180.

ele [Schneider] me disse que se havia convencido inteiramente de que eu mesmo sou uma criança perfeita, isto é, plenamente criança, que apenas pelo tamanho e pelo rosto eu me pareço com um adulto, mas que pelo desenvolvimento, a alma o caráter e talvez até a inteligência eu não sou um adulto e assim o serei mesmo que viva até o sessenta anos. Eu ri muito: é claro que ele não tem razão, porque, que criança sou eu? No entanto existe aí apenas uma verdade; eu realmente não gosto de estar com adultos, com pessoas, com grandes – isso eu notei faz tempo –, não gosto porque não sei (DOSTOIÉVSKI, F. *O idiota*, pp. 98-99).

Nessa passagem, é notável a semelhança entre o estado do príncipe com o idiotismo que Nietzsche atribui a Jesus. Como fica patente no momento em que o filósofo se refere às patologias dos personagens que habitam um mundo tal como o dos romances russos, “no qual a escória da sociedade, as doenças nervosas e o idiotismo ‘infantil’ parecem ter um encontro” (AC/AC, §31). Isso porque, como expõe o filósofo: “A ‘boa nova’ é justamente que não mais existem oposições; o reino do céu pertence às crianças; a fé que aí se exprime não é uma fé conquistada – ela está aí, existe desde o começo, é como que um infantilismo recuado para o plano espiritual” (AC/AC, §32).

Assim, muito mais do que algo envolto em sentimentos infantis, o estado vivenciado por Jesus é visto por Nietzsche como sendo mesmo algo causado por um retardamento ontogênico: “O caso da puberdade retardada e não desenvolvida no organismo, como consequência da degenerescência, é familiar aos fisiologistas, pelo menos” (AC/AC, §32). Conseqüentemente, Jesus nutria uma profunda simpatia pelas crianças não só porque se sentia como uma criança, mas porque possuía ainda uma compleição infantil, que o impedia de “gostar” do mundo dos “adultos”. Um dos motivos que leva Nietzsche a excluir a característica de herói atribuída à figura de Jesus por Renan em sua *Vida de Jesus*:

O fato de que os verdadeiros instintos viris – não somente os sexuais, mas igualmente os de luta, orgulho, heroísmo – não foram jamais despertados nele, o fato de que tenha permanecido retardado e tenha permanecido infantilmente na fase da puberdade: eis o que é próprio de certas neuroses epileptóides (NF/FP 14 [38] primavera de 1888).

Para Stellino: “Há tanto em Dostoiévski quanto também em Nietzsche, uma correlação direta entre epilepsia e idiotia” (STELLINO, P. Op. Cit. p. 207). Já para Murphy: “Nietzsche parece fazer de Míchkin algo muito diferente do que fez Dostoiévski, visto que ele reverte o significado da correlação entre epilepsia e religião”, ou seja, conferindo-lhe um valor patológico e negativo ao invés de um valor místico e

positivo, “mas é claro que ele deriva a noção de Dostoiévski” (MURPHY, T. Op. Cit. nota p. 187). Miller também insiste na associação entre epilepsia e idiotia e, apesar de classificar a doença de Kirílov, personagem que ele considera o grande responsável por Nietzsche ter afirmado que Dostoiévski “adivinhou Cristo”, de “epilepsia latente”, ele chega a declarar: “Como epilético, Kirílov é não apenas psicologicamente, porém, mais essencialmente, fisiologicamente aparentado [...] com o ‘visionário epilético’ Jesus” (MILLER, C. A. “The Nihilist as Tempter-Redeemer”, p. 180). Contudo, acreditamos que a manifestação mais conhecida de epilepsia não é o que torna necessariamente alguém classificável como um tipo idiota. Como se pode observar na passagem referida acima, Nietzsche diz que é próprio de certas “neuroses epileptóides” permanecer infantilmente retardado na fase da puberdade. Sendo assim, é muito mais o aspecto infantil provindo de uma degenerescência fisiológica (algum tipo de “neurose epileptóide”) o que torna alguém idiota e não a epilepsia de modo geral (note-se que Nietzsche sempre dá ênfase a um “idiotismo infantil” e não a um “idiotismo epilético”). Não há claro sinal de epilepsia, por exemplo, nas personagens Aliocha e Kátia de *Humilhados e ofendidos*, mas já vimos que eles podem ser identificados como tipos “idiotas” justamente por conta de seu aspecto infantil, talvez fruto também de alguma espécie de “neurose epileptóide”. Isso reforça a argumentação de que não é o tipo mais geral de epilepsia que Nietzsche atribui a Jesus, mas sim certo tipo de “neurose epileptóide” que retarda alguém na “infância”.

Em tais passagens fica claro também o rigor psico-fisiológico de Nietzsche. A “idiotia” é uma nomenclatura própria da psiquiatria, já posta em desuso, porém, devido ao ranço pejorativo que o preconceito impôs ao termo. Jesus é propriamente idiota nesse sentido psico-fisiológico e não no sentido dado pelo senso comum. O aspecto infantil de seu caráter não é uma simples imaturidade, mas remete à sua constituição fisiológica: “– essa fé não é conquistada com luta, não tem uma evolução, uma catástrofe... mas antes é infantil... a infância em tais naturezas é como uma enfermidade –” (NF/FP 11 [368] novembro de 1887 – março de 1888).

Além disso, o caráter de homem-privado, apolítico, do tipo idiota é perfeitamente exemplificado pela completa falta de tato, de compreensão do príncipe a respeito do mundo dos “grandes”. Como sentencia a generala a seu respeito em um dado momento: “Em primeiro lugar, esse príncipezinho é um idiota doente, em segundo um imbecil, não conhece nem a sociedade, não tem nem um lugar na sociedade”

(DOSTOIÉVSKI, F. *O Idiota*, p. 567).³⁴ Chama também atenção o fato de que as pessoas que o príncipe declara nutrir maior afeto são todas consideradas por ele verdadeiras “crianças”.

Igualmente, como Nietzsche argumenta, em tal tipo nenhum instinto viril chega a se desenvolver: “Talvez o senhor não saiba, mas por causa da minha doença congênita nunca conheci mulher” (DOSTOIÉVSKI, F. *O idiota*, p. 33).³⁵ O amor que o príncipe nutre por Aglaia e Nastácia é explicado por ele como compaixão por suas almas de criança em terrível sofrimento. Nastácia acaba sendo preferida por ele porque é quem ele julga mais sofredora.³⁶ Pode-se dizer, dessa forma, que a sexualidade de Míchkin se manifesta de acordo com a de uma criança.

Por outro lado, o príncipe é diversas vezes descrito como um indivíduo do mais circunspecto juízo e um refinado observador dos sentimentos mais profundos que afligem aqueles que o cercam e que o tomam por pueril, o que sempre os surpreende. Como declara o personagem Keller em um dado momento: “Um jeito tão simplório, tamanha ingenuidade que não se via nem na idade de ouro, e de repente penetra o homem de cabo a rabo como uma seta, com uma psicologia tão profunda na observação” (DOSTOIÉVSKI, F. *O Idiota*, p. 348). O príncipe mesmo se considera bastante inteligente e estima o seu modo de ver as coisas como o mais coerente e justo,³⁷ mostrando-se plenamente consciente do juízo que os outros fazem dele, o que, segundo seu próprio argumento, já revela a contradição interna desse mesmo juízo:

Talvez aqui [em Petersburgo] também me achem uma criança – que achem! Também me acham idiota sabe-se lá por quê, eu realmente estive tão doente naquela época que parecia mesmo um idiota; mas que idiota sou agora, quando eu mesmo compreendo que me consideram um idiota? Entro em algum lugar e penso: “Pois bem, me

³⁴ “Eu sei que eu... fui ofendido pela natureza [...] em sociedade eu estou sobrando” (DOSTOIÉVSKI, F. *O Idiota*, p. 382).

³⁵ Com relação a isso, é muito esclarecedora a opinião de Vânia, narrador de *Humilhados e ofendidos*, a respeito de Kátia: “Da minha conversa de três horas com Catarina Fedorovna extraí, entre outra, a convicção curiosa e ao mesmo tempo arraigada de que ela era ainda bastante criança, a ponto de ignorar completamente as ligações secretas do homem com a mulher. Isto dava um caráter cômico a alguns dos seus raciocínios, e, em geral, ao tom sério que tomava para aflorar muitos assuntos importantes” (DOSTOIÉVSKI, F. *Humilhados e ofendidos*, p. 204).

³⁶ “Não a amo por amor, mas por compaixão” (DOSTOIÉVSKI, F. *O Idiota*, p. 207).

³⁷ “– Isto é, o senhor pensa que pode viver de um modo mais inteligente que todos? – perguntou Aglaia.

– Sim, às vezes eu cheguei a pensar nisso.

– E ainda pensa?

– E ... penso” (DOSTOIÉVSKI, F. *O Idiota*, p. 84).

consideram idiota, mas apesar de tudo eu sou inteligente e eles nem adivinham” (DOSTOIÉVSKI, F. *O idiota*, p. 100).³⁸

Esta passagem pode muito bem indicar que ao classificar Jesus como idiota, Nietzsche não está querendo lhe imputar o aspecto de “parvo”, “imbecil”, “tolo”, “estúpido”, “sem inteligência”, etc. Mas alguém cujo condicionamento fisiológico o impede de interagir com a efetividade do mundo que o rodeia, de entender as necessidades, também fisiológicas, do homem público e do mundo que este constrói e habita.

Mas, se Míchkin tem uma capacidade de observação tão penetrante que desarma constantemente seus interlocutores, por que, ainda assim, estes continuam tratando-no como “idiota”? O que há nele de tão simplório e frívolo aos olhos dos outros? Ora, como diz Stellino, “não porque ele sofre de uma idiotia psico-fisiológica, mas porque ele é ingênuo e inocente como uma criança” (STELLINO, P. Op. Cit., p. 210), e porque, acrescentamos de nossa parte aquilo que indubitavelmente se mostra como o fator principal, *ele nunca resiste aos que lhe fazem mal*.

Quanto à natureza “sublime” do príncipe, pode ser facilmente observada no modo como este relembra as experiências que sempre vivencia no limiar de seus ataques epiléticos, instantes de “suprema existência”, de “beleza e súplica”, de “suprema síntese da vida”, algo que remete facilmente ao “reino de Deus” que Nietzsche localiza no “coração” de Jesus, em seu mundo de profundas vivências e sentimentos interiores, o mundo do “inapreensível”, em que a realidade já não mais o fere com a sua solidez e aderência, um mundo da mais absoluta bem-aventurança, em que se ama todas as coisas incondicionalmente:

Entre outras coisas, pôs-se a meditar como em seu estado epilético, quase no limiar do próprio ataque [...] chegara a um grau em que subitamente, em meio à tristeza, à escuridão da alma, à pressão, seu cérebro pareceu inflamar-se por instantes e todas as suas forças vitais retesaram-se ao mesmo tempo com um ímpeto incomum. A sensação de vida, de alta consciência quase decuplicou nesses instantes que tiveram a duração de um relâmpago [...] De que isso era realmente “beleza e súplica”, de que isso era realmente a “suprema síntese da vida” ele não podia nem duvidar, e aliás não podia nem admitir dúvidas [...] Se naquele segundo, isto é, no mais derradeiro momento de consciência perante o ataque ele arranjasse tempo para dizer com clareza e consciência a si mesmo: “Sim por esse instante pode-se dar a

³⁸ Aliocha, de *Humilhados e ofendidos*, também declara: “O imbecil que tem consciência de ser imbecil já não o é!” (DOSTOIÉVSKI, F. *Humilhados e ofendidos*, p. 157).

vida toda!” – então, é claro, esse momento em si valia a vida toda (DOSTOIÉVSKI, F. *O idiota*, pp. 261-262).

O próprio príncipe Míchkin reconhece que essa experiência é conseqüência de um estado doentio, que ela traz como resultado o embotamento, a confusão e a idiotia. Contudo, para ele, essa é uma taxa justa que se paga para o acesso a uma realidade de suprema harmonia e beleza, já que o corpo não poderia deixar de ceder ao peso de uma sensação tão extraordinariamente sublime:

Refletindo mais tarde sobre esse instante, já em estado sadio, ele dizia freqüentemente de: que todos esses raios e relâmpagos da suprema auto-sensação e autoconsciência e, portanto, da “suprema existência” não passam de uma doença, de perturbação do estado normal e, sendo assim, nada têm de suprema existência, devendo, ao contrário, ser incluídos na mais baixa existência. E, não obstante, ainda assim ele acabou chegando a uma conclusão extremamente paradoxal: “Qual é o problema de ser isso uma doença? – decidiu finalmente. – Qual é o problema se essa tensão é anormal, se o próprio resultado, se o minuto da sensação lembrada e examinada já em estado sadio vem a ser o cúmulo da harmonia, da beleza, dá uma sensação inaudita e até então inesperada de plenitude, de medida, de conciliação e de fusão extasiada e suplicante com a mais sublime síntese da vida?” (DOSTOIÉVSKI, F. *O Idiota*, p. 261).

Esses momentos fugazes descritos por Míchkin possuem uma incrível correspondência com o estado de bem-aventurança que Nietzsche atribui a Jesus, a vivência do próprio reino de Deus, expressa mediante signos (“pai”, “filhos de Deus”, “reino dos céus”), por “esse grande simbolista”, algo que foi totalmente corrompido pelas “cruzas eclesiásticas”, por meio de dogmas sobre um futuro acontecimento histórico – nada mais errôneo: “com a palavra ‘filho’ se expressa a *entrada* no sentimento geral de transfiguração de todas as coisas (a beatitude), com a palavra ‘pai’, *este sentimento mesmo*, o sentimento de eternidade, de perfeição” (AC/AC, §34). Um sentimento que pode muito bem ser esclarecido pelas sensações experimentadas por Míchkin:

A mente, o coração foram iluminados por uma luz extraordinária; todas as inquietações, todas as suas dúvidas, todas as aflições parecem apaziguadas de uma vez, redundaram em alguma paz superior, plena de uma alegria serena, harmoniosa, e de esperança, plena de razão e de causa definitiva (DOSTOIÉVSKI, F. *O Idiota*, p. 261).

Esse “apaziguamento” que resulta dessa sensação de “síntese de vida” também esclarece a “falta de escopo” que, de acordo com Nietzsche, o tipo idiota assume diante das coisas: “nesse momento me fica de certo modo compreensível a expressão insólita:

não ‘*haverá demora*’ [Apocalipse 10, 06] (DOSTOIÉVSKI, F. *O Idiota*, p. 262). Porquanto, é como se, nesses instantes, o fim supremo já houvesse sido atingido, não havendo mais o que ansiar, o que construir, como se o homem devesse “deixar de procriar”, tal como afirma Kírilov (DOSTOIÉVSKI, F. *Os Demônios*, p. 572). A consequência da sensação advinda nesses instantes, própria de “uma típica forma de *décadence*”, é, como diz Nietzsche, “a ausência de tarefas, o instinto de que tudo, propriamente, estaria no fim, de que nada mais vale a pena, o contentamento num *dolce far niente* [num doce fazer nada]” (NF/FP 11 [380] novembro 1887 – março 1888).

Sendo assim, vemos que para uma compreensão do diagnóstico do tipo psicológico do Redentor feito por Nietzsche é imprescindível que se reconheça a influência exercida por Dostoiévski (bem como por Tolstói). Por mais que as discussões sobre se Nietzsche teve contato direto ou apenas indireto com o romance *O Idiota* de Dostoiévski parecerem ainda estar longe de chegarem a um termo, é possível, não obstante, empreender uma análise do príncipe Míchkin como um caso clínico exemplar do tipo idiota: uma “mistura de sublime, enfermo e infantil”, pelo qual podemos tornar mais clara a investigação que Nietzsche faz de Jesus. A utilização feita por Nietzsche do termo “idiota”, mutilado nas primeiras edições de *O Anticristo*, tende a ser interpretada inevitavelmente de forma errônea quando não se levam em conta as suas fontes. O uso que Nietzsche faz do termo “idiota” para classificar o tipo psicológico do Redentor em *O Anticristo*, não possui acepção agressiva, pejorativa ou detratora, mas sim remete ao sentido original da palavra vinda do grego *idiótes*,³⁹ a saber, homem-privado, aquele que não pertence ao ambiente público e ao meio político, um indivíduo totalmente alheio aos negócios do Estado. Ora, sendo assim, o caráter anárquico do cristianismo de Tolstói, que proíbe a resistência, não reconhecendo a Igreja e o Estado, não prestando serviço militar e não comparecendo aos tribunais, e, por outro lado, o infantilismo do príncipe Míchkin, que não opõe resistência aos que lhe fazem mal, que não sabe estar com os “grandes”, que não conhece a sociedade e nem tem um lugar nela, e a sua condição mórbida que o leva a experimentar um estado de sublime paz e tranqüilidade, esclarecem, sobejamente, qual o sentido preciso que o termo “idiota” possui em *O Anticristo*.

³⁹ Cf. DIBELIUS, M. Op. Cit. pp. 65-66: “Temos que nos remeter aqui ao grego ‘idiótes’, bem como ‘idiota’, do latim, que dele derivou, como designação de homem privado em oposição a homem de Estado, leigo em oposição a versado, ignorante em oposição a erudito”. Cf. também SALAQUARDA, J. “Dionysus versus the Crucified One”, p. 270: “Nietzsche entende ‘idiota’ essencialmente nos termos de seu sentido grego, isto é, como designação para um ‘homem apolítico’, um cidadão privado, impedido de participar dos negócios do Estado”.

Referências Bibliográficas

- ANDLER, Charles. *Nietzsche, sa vie et sa pensée*. Paris : Gallimard, 1958, vol. III.
- BLONDEL, Eric. “Les guillemets de Nietzsche : philologie et Généalogie”. In : *Nietzsche aujourd’hui ?* Paris: U.G.E., 1973, pp. 153-182.
- BRITO, Emilio. “Les motifs de la critique nietzschéenne du christianisme”. In: *Ephemerides Theologicae Lovanienses*. Leuven: Universiteitsbibliotheek, 2004, 80/4, pp. 275-338.
- CAMPIONI, Giuliano. *Sulla strada di Nietzsche*. Pisa: ETS, 1993.
- DIBELIUS, M. “Der psychologische Typus des Erlösers bei F. Nietzsche”. In: *Deutsche Vierteljahrsschrift für Literaturwissenschaft und Geshichte*, nº 22, 1944, pp. 61-91.
- DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O idiota*: romance em quatro partes. Tradução, prefácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2002.
- _____. *Memórias do subsolo*. Tradução, prefácio e notas de Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34, 2000.
- _____. *Humilhados e ofendidos*. Tradução de Mario Franco. Lisboa: Unibolso, s/d.
- _____. *Os Demônios*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Ed. 34, 2004.
- JANZ, Curt Paul. *Friedrich Nietzsche Biografia*. Tradução Andrés Sánchez Pascual. Madrid: Alianza Editorial, 1985, vol. III.
- JASPERS, Karl. *Nietzsche und das Christentum*. München: R. Piper & Co, 1952.
- KAUFMANN, Walter. *Nietzsche, philosopher, psychologist, antichrist*. Nova York: The World Publishing Co., 1965.
- KÜHNEWEG, U. “Nietzsche und Jesus – Jesus bei Nietzsche”. In: *Nietzsche-Studien*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, Band 15, 1986, p. 382-397.
- MILLER, C. A. “Nietzsche’s ‘discovery’ of Dostoevsky”. In: *Nietzsche-Studien*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, Band 2, 1973, p. 202-257.
- _____. “The Nihilist as Tempter-Redeemer: Dostoevsky’s ‘Man God’ in Nietzsche’s Notebooks”. In: *Nietzsche-Studien*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, Band 4, 1975, p. 165-226.
- MURPHY, Tim. *Nietzsche, metaphor, religion*. New York: State University of New York Press, 2001.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Sämtliche Werke Kritische Studienausgabe*. Hrsg. von Giorgio Colli und Mazino Montinari. Berlin/München/New York: Walter de Gruyter/DTV, 1988.

- _____. *Sämtliche Briefe Kritische Studienausgabe*. Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazino Montinari. Berlin/München/New York: Walter de Gruyter/DTV, 1988.
- _____. *O Anticristo: maldição ao cristianismo / Ditirambos de Dionísio*. Tradução, notas e Posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- _____. *Aurora: reflexões sobre os preconceitos morais*. Tradução, notas e Posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. *O caso Wagner: um problema para músicos / Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo*. Tradução, notas e Posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Crepúsculo dos Ídolos ou como se filosofa com o martelo*. Tradução, notas e Posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- PACINI, Gianlorenzo. *Nietzsche lettore dei grandi russi*. Roma: Armando, 2001.
- RENAN, Ernest. “Vie de Jésus”. In: _____. *Histoire des origines du christianisme*. Paris: Robert Laffont, Vol. 1, 1995.
- SALAUARDA, Jörg. “Dionysus versus the Crucified One: Nietzsche’s Understanding of the Apostle Paul”. In: CONWAY, Daniel (Ed.). *Nietzsche: critical assessments*. Londres/Nova York: Routledge, 1998.
- SOMMER, Andreas Urs. *Friedrich Nietzsches “Der Antichrist”. Ein philosophisch historischer kommentar*. Basel: Schwabe e Co. ^a G./Verlag, 2000.
- STELLINO, Paolo. “Jesus als ‚Idiot‘: Ein Vergleich zwischen Nietzsches Der Antichrist und Dostojewskijs Der Idiot”. In: *Nietzsche Forshung*. Berlin: Akademie Verlag, 2007, Band 14, pp. 203-210.
- SOULADIÉ, Yannick. “Antichristianisme et hérésie”. In: _____. (Ed.). *Nietzsche – L’inversion des valeurs*. Hildesheim/Zürich/New York : Georg Olmes Verlag, 2007, pp. 81-116.
- TOLSTÓI, Leon. *Ma Religion*. Paris: Libraire Fischbacher, 1885.
- UHL, Anton. “Dor por Deus e dor pelo homem: Nietzsche e Dostoievski”. Tradução Frei Waldemar do Amaral. In: *Nietzsche e o cristianismo*. Revista Concilium/165 – 1981/5: Teologia Fundamental. Petrópolis: Vozes, 1981, pp. 43[667]-55[679].
- VOGÜE, Eugène-Melchior. *Le roman russe*. Onzième édition. Paris: Plon-Mounrit et G^{le}, 1912.